

Domínio da língua materna: aquisição ou aprendizagem?

Adja Balbino de Amorim Barbieri **DURÃO**
Universidade Estadual de Londrina

Palavras-chave: aquisição, aprendizagem, desenvolvimento lingüístico.

Resumo: O propósito do presente estudo é propor uma panorâmica do processo de desenvolvimento da língua materna (LM) a partir de uma perspectiva chomskyana.

Abstract: This study proposes a panoramic view of the development process of the mother language (L1) from a Chomskyan perspective.

Resumen: El objeto del presente estudio es proponer una panorámica del proceso de desarrollo de la lengua materna a partir de una perspectiva chomskyana.

É curioso que Chomsky, apesar de ter uma formação estruturalista, tenha proposto uma teoria mentalista sobre a aquisição da linguagem radicalmente antagônica às idéias comportamentalistas. Os principais argumentos chomskyanos sobre aquisição da linguagem estão expostos em sua tese de doutorado, *Syntactic Structures* (CHOMSKY, 1957), em seu livro *Aspects of the Theory of Syntax* (CHOMSKY, 1965), especialmente, em sua crítica ao trabalho de Skinner, "Review of Verbal Behavior" (CHOMSKY, 1959). Chomsky afirma que a língua não é um simples comportamento porque no cerne da atividade verbal há um complexo sistema de regras que permite aos falantes compreender e criar um número infinito de proposições, muitas das quais nunca ouvidas antes.

Chomsky (1957-1965), parte do pressuposto de que existe

uma Gramática Universal (GU) comum a todos os seres humanos, desenvolvida por acionamento de um mecanismo inato que chamou de Dispositivo de Aquisição da Linguagem (Language Acquisition Device - LAD), que se ativa na criança diante do *input* lingüístico fornecido pelo adulto. Em outras palavras, as propriedades lingüísticas inerentes ao ser humano desenvolvem a GU, que faz parte do código genético dos seres humanos, de modo que a capacidade de falar é geneticamente determinada.

O fato de todas as crianças normais adquirirem gramáticas similares e de extrema complexidade com uma rapidez surpreendente indica que os seres humanos são, de alguma maneira, preparados para elaborá-las através da manipulação de dados ou da proposição de hipóteses que são de tipologia e complexidade desconhecidas (CHOMSKY, 1959, p. 31)¹.

Se a GU integra o cérebro humano (CHOMSKY, 1980), a palavra 'aprendizagem' não é adequada para referir-se, no começo do processo, ao modo como a linguagem se desenvolve. Cook, ao interpretar essa questão, propõe o seguinte argumento:

Um botão torna-se flor; algumas células tornam-se pulmão. Não dizemos que o botão 'aprende' a ser flor, nem que as células 'aprendem' a ser pulmão, embora em ambos os casos certos aspectos do ambiente, como a água e a nutrição sejam necessários para que o processo se concretize. Em vez disso, dizemos que o botão e as células 'crescem'. O crescimento deles é a realização de seu potencial genético em conjunto com 'dispositivos' do ambiente, atingindo algo que estava dentro deles desde o início. Por que então dizemos que a criança 'aprende' a língua em vez dizermos que a língua 'cresce'? A Gramática Universal presente na mente da criança cresce e se

¹ Tradução de Cleide Madalena Cordeiro Camargo - não publicada.

transforma no conhecimento que o adulto tem da língua, contando que determinados 'dispositivos' ambientais sejam fornecidos; a língua não é aprendida da mesma forma como se aprende a andar de bicicleta ou a tocar violão; uma parte significativa daquilo que chamamos 'aprendizagem' é na verdade o crescimento de estruturas cognitivas ao longo de um trajeto a partir do acionamento de dispositivos e da potencial modelagem do ambiente (CHOMSKY, 1980,p. 33). A aquisição da língua é o crescimento do órgão mental da linguagem acionado através de certas experiências (COOK, 1985).²

A predisposição biológica faz com que as crianças distingam certas características intrínsecas da sua LM, como os limites entre as palavras no *continuum* fônico que escutam, por exemplo. Essa capacidade leva a tendências, regras e restrições inerentes à linguagem que limitam o número de possibilidades (EIMAS, 1986). Por exemplo, as crianças inferem certas restrições que especificam que um determinado "rótulo" refere-se a um objeto inteiro e não a uma parte do mesmo, ou a uma classe de objetos similares, por isso as crianças que aprendem qualquer aspecto sobre um passarinho, sabem que o "rótulo passarinho" faz referência a um animal completo (e não só as suas penas, por exemplo), e que outros animais parecidos também são passarinhos. A criança tem várias hipóteses iniciais para propor, mas a GU restringe rigidamente o eixo das possibilidades que ela pode considerar como válidas, e sua escolha final depende das evidências advindas do ambiente. As restrições inatas, portanto, simplificam o desenvolvimento da linguagem.

Métodos experimentais desenvolvidos nos últimos trinta anos, corroboram a idéia de que as crianças, mesmo antes de começarem a falar, identificam aspectos de suas línguas naturais

² Tradução de Cleide Madalena Cordeiro Camargo - não publicada.

por razões fonológicas distintas, através da percepção auditiva (EIMAS, 1986). Um desses métodos, denominado método chupeta (ou técnica de “sucção não-nutritiva), fundamentava-se no emprego de uma chupeta provida de um sensor que media o número de sucções por unidade de tempo que os recém-nascidos, bebês ou crianças pequenas realizavam em função de um estímulo auditivo. Mehler, Lambertz, Jusczyk e Amiel-Tison⁷ o utilizaram e chegaram à conclusão de que bebês de apenas quatro dias eram capazes de distinguir certas características fonológicas da sua LM, a partir dos padrões prosódicos que ouviam, ao passo que se mostravam insensíveis a outras línguas. Essa sensibilidade devia-se a que, mesmo sem serem capazes de reconhecer as palavras, os bebês percebiam o contorno melódico, o ritmo e a demarcação acentual próprios de sua LM. Outro método muito empregado, denominado método de medição da frequência cárdio-vascular, considerava que, se o bebê ouvisse constantemente /pa/, se acostumaria à frequência desse som de tal modo que seus batimentos cardíacos tenderiam a relaxar, porque a frequência do som seria constante. Se se mudasse /pa/ por /ba/, por exemplo, a criança se assustaria e a frequência de seus batimentos cardíacos acelerariam. Tanto o primeiro método como o segundo forneceram evidências positivas sobre a capacidade inata dos seres humanos para a linguagem.

A GU postulada por Chomsky tem dois componentes: os princípios lingüísticos gerais (comuns a todas as línguas) e um conjunto de parâmetros, (dispositivos de variação que possibilitam a diversidade lingüística). Os princípios gerais desenvolvidos na mente levam à constituição de uma gramática nuclear ou básica, que cresce no processo de interação com adultos em seu ambiente lingüístico; já o conjunto de parâmetros leva à elaboração mental

⁷ MEHLER, J. Discrimination de la langue maternelle par le nouveau-né. *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences de Paris*, 1987.

de uma gramática periférica, que consiste na variação entre as línguas. Chomsky ressalta que para adquirir uma língua, além de sua GU, a criança precisa de evidências empíricas sobre essa língua específica (ou mais de uma língua) presentes no contexto no qual é usada para saber como estabelecer os parâmetros para a construção de suas próprias sentenças. Entretanto, sabemos que essas evidências podem ser positivas ou negativas (CHOMSKY, 1981). As evidências positivas consistem em orações autênticas de uma língua. Por outro lado, as negativas podem ser de dois tipos: (1) direta; (2) indireta. As evidências negativas diretas consistem nas correções dos adultos para os erros cometidos pelas crianças e as evidências negativas indiretas são fornecidas pela não ocorrência de algo na língua que a criança ouve.

Quando se admite a hipótese do mecanismo paramétrico de variação, assume-se que o requisito a ser desempenhado pela criança durante a sua etapa de amadurecimento lingüístico é a fixação do valor do parâmetro em questão, que a levará a reajustar a sua GU ao modelo da(s) língua(s) falada(s) naquele meio. Ainda que os adultos possam ajudar a criança a potencializar sua(s) língua(s) em construção, as pesquisas indicam que essa ajuda é irrelevante, sendo o próprio contexto o que determina tal aquisição, exceto nos casos em que há problemas cerebrais que dificultam o desenvolvimento da língua.

Etapas no Processo de Desenvolvimento da LM

São necessárias longas e complexas etapas de maturação para que os princípios lingüísticos e o conjunto de parâmetros se desenvolvam e se manifestem em forma de produção lingüística.

Os primeiros estudos sobre aquisição da LM baseavam-se em diários escritos por pais. Atualmente, esses estudos incluem gravações em áudio e vídeo, assim como outros instrumentos derivados de técnicas de motivação que permitem que a produção

e a compreensão da criança possam ser controladamente avaliadas.

A observação de crianças em diferentes áreas lingüísticas do mundo revela que a aquisição tem fases possivelmente universais que implicam:

- 1- compartilhar significados elaborados sócio-culturalmente;
- 2- combinar fonemas, palavras e orações em seqüências compreensíveis aos demais;
- 3- utilizar as regras que estruturam a relação forma-função na linguagem.

Essas fases implicam a necessidade de participação, desde os primeiros momentos da vida das crianças, nas mais variadas situações de interação.

Tradicionalmente, divide-se o desenvolvimento da atividade lingüística em duas fases: a fase pré-lingüística e a fase lingüística. A fase pré-lingüística começa pouco tempo depois da criança nascer e dura, aproximadamente, até o décimo mês de vida. A característica mais marcante dessa fase é a presença de vagidos (choros), estalos, (manifestações respiratórias), e lalações (que respondem a sensações de fome, desconforto, ao desejo de ser embalado ou à sensação de bem-estar), apesar de ocorrerem outros recursos vocais e gestuais.

Na fase do balbucio, que ocorre entre o sexto e o sétimo mês, os bebês começam a produzir sons universais, muitos dos quais não existem em sua língua materna. Tanto as crianças deficientes auditivas, como as com capacidade auditiva normal, filhas de pais surdos-mudos, balbuciam e seu balbucio é idêntico ao das crianças com capacidade auditiva normal. Essa evidência induz-nos a pensar que balbuciar não depende dos dados acústico-auditivos, tanto é assim que aproximadamente aos seis meses, as crianças deficientes auditivas experimentam um decréscimo em sua capacidade de balbuciar, o que parece indicar que suas vocalizações deixam de ser algo exclusivamente biológico para ser cada vez mais um reflexo da língua que se fala em seu contexto vivencial. Essa evidência corrobora os pontos de vista de Chomsky

sobre a capacidade inata dos seres humanos para a linguagem.

A fase lingüística inicia-se no décimo mês de vida. Na primeira etapa dessa fase, há uma redução do número de sons produzidos pela criança, o que, de acordo com Jakobson (1941), deve-se a uma delimitação dos sons do sistema fonológico ao qual a criança está exposta, que acontece nesse momento porque só então as crianças terão desenvolvido a habilidade de distinção, retenção e supressão dos sons que não existem nessa língua.

Jakobson afirma que o processo de aquisição de fonemas segue sempre a mesma ordem nas crianças procedentes de qualquer país, o que lhes indica que esses traços fazem parte dos universais lingüísticos. O primeiro traço fonológico que aparece é a distinção consoante-vogal, normalmente por meio da oposição de /p/ e /a/, ou seja entre a consoante visualmente mais perceptível nos adultos por ser labial-oclusiva, e a vogal que mais se aproxima à posição da boca ao expirar. De modo que, segundo esse ponto de vista, o primeiro fonema que qualquer criança pronuncia é /pá/, seguida de suas combinações /papa/, /papá/, etc. A seguir, a criança produz a diferenciação oral-nasal, mediante a realização de /m/, que tem uma nitidez visual similar a de /p/ e que se combina com /a/ levando à realização de /má/, /mama/ ou /mamá/, em todas as línguas. Pouco depois adquire-se o contraste oclusivo-fricativo com combinações /fá/ ou /sa/, fricativos facialmente reconhecíveis na boca do adulto (BARALO, 1999).

Depois da primeira palavra, durante os três ou quatro meses seguintes, as crianças aumentam gradativamente seu vocabulário até ter aproximadamente dez palavras. Aos vinte meses, o vocabulário inclui em torno de cinquenta palavras.

Há três características que marcam significativamente essa fase:

1- holofrases (do grego hólos = completo + frase): uso de expressões formadas por uma só palavra que equivalem a enunciados inteiros (mamã, ága, etc.). Nessas expressões, a palavra (quase sempre um substantivo), representa a idéia que mais se

destaca na construção da criança.

2- sobreextensão: uso de uma palavra que significa uma gama ampla de conceitos. Inicialmente, para a criança, certas palavras têm um significado diferente do que tem para os adultos; tais palavras relacionam-se a traços perceptivos ou funcionais dos objetos, das pessoas ou das ações, por isso, as crianças podem utilizar uma palavra, por exemplo, "papa" para referir-se a qualquer homem que se aproxime delas.

3- subextensão: uso extremamente específico de uma palavra que limita seu significado a uma gama restrita de possíveis significados variáveis. Junto a esta restrição significativa, acontece um fenômeno paralelo de "ampliação" do significado (especialização semântica e polissemia): a criança inicialmente aprende que uma palavra como *cobra* faz referência a um animal específico, mas a medida que for amadurecendo lingüisticamente irá incorporando o emprego metafórico dessa palavra (E.: a. *Fulana é uma cobra*; b. *Beltrano é cobra em informática*, etc.).

Na segunda etapa da fase lingüística, que se desenvolve aproximadamente entre os dezoito e os vinte meses, embora haja diferenças entre uma criança e outra, muitas crianças começam a formar frases de duas palavras. Inicialmente, cada palavra contém apenas seu próprio contorno de tom, mas, a seguir, as crianças começam a formar frases de duas palavras nas quais a relação entre estas abrange toda a frase em vez de haver uma pausa entre as duas palavras.

Surgem as primeiras flexões do substantivo (gênero e número) e do verbo (a pessoa, os modos indicativo e imperativo e as flexões de tempo, nessa ordem). Aparecem, também, os empregos das terminações *-ado* e *-ando*, assim como o uso dos nexos *e*, *mas* e *em*, assim como os pronomes pessoais (*eu* e *tu*), os possessivos correspondentes e as primeiras preposições e artigos. A sintaxe infantil, nessa etapa, ainda é extremamente ambígua: diante de "mamãe agã", não se sabe se a criança quer dizer "mamãe me

dê água” ou “a água é da mamãe”.

Normalmente, as crianças que já utilizam os verbos irregulares corretamente, passam a realizar hiperregularizações nos paradigmas verbais (*faži* por *feito*, etc), problema que poderá persistir até os cinco ou seis anos. Muitos pais pensam que seus filhos estão "retrocedendo", mas na verdade estão "aplicando" as regras de sua GU para construir seus enunciados. Nessa etapa, para construir seus enunciados, as crianças explicitam termos que têm maior significado e descartam os que não são essenciais. Obviamente, essa "escolha", que redundante numa formação frásica compreensível, fundamenta-se na intuição e não numa reflexão formal, embasada em informação teórica, e isso confirma que realmente há uma aquisição mental dos princípios lingüísticos.

Na terceira etapa da fase lingüística, que acontece mais ou menos no começo do terceiro ano de vida, ocorre um progresso significativo na pronúncia das consoantes, embora as crianças ainda se confundam e cometam alguns erros.

Até os quatro anos, todas as construções sintáticas simples estão dominadas e o repertório fonético, quase completo. Além disso, embora os verbos nem sempre sejam conjugados corretamente, ocorrem os primeiros usos das subordinadas, das justapostas e das coordenadas.

Na quarta etapa da fase lingüística, que não depende mais exclusivamente da percepção inata, e que começa entre os onze e os doze anos, há uma eliminação do número de paradigmas analógicos, por meio da memorização das “exceções”, paralelamente à aquisição de outros conhecimentos proporcionados pela escolarização.

A sintaxe torna-se mais complexa à medida que é estudada formalmente e seu uso adapta-se à prática social. Aprende-se a distinguir nuances entre os tempos verbais (passado recente do remoto), o aspecto (ação acabada ou inacabada, contínua ou descontínua), o modo condicional do subjuntivo (ambos usados antes para referir-se ao

tempo irreal), o uso deste nas subordinadas algumas funções dos artigos, a ordem dos pronomes nas referências intraverbais de objeto direto e indireto, as formas sintáticas da voz passiva e o manejo de referências temporais sob a perspectiva do outro.

À medida que o tempo passa, a capacidade para estruturar a linguagem torna-se mais complexa e depende tanto da habilidade inata como da capacidade cognitiva em geral do falante para incorporar os dados contextuais pertinentes à sistematização formal, do *input* disponível, unindo o eixo de aquisição ao da aprendizagem.

Referências Bibliografia

BARALO, M. *La adquisición del español como lengua extranjera*. Madrid: Arco/Libros, 1999.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.

_____. Principles and parameters in the syntactic theory's. In: HORNSTEIN, N; LIGHTFOOD, D. (Eds). *Explanation in linguistics*. New York: Longman, 1981. p. 32-75.

_____. Review of verbal behavior. *Language*, Baltimore, v. 35, p.26-58, 1959.

_____. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957.

COOK, V.J. Chomsky's universal grammar and second language learning. *Applied Linguistics*, v. 6, n.1, p. 2-18, mar, 1985.

EIMAS, P.D. The Perception of speech in early infancy. In: WILLIAMS, S.; WANG, Y. (Eds.). *Language, writing and computer*. New York: Freeman, 1986. p. 17-23.

JACKOBSON, R. *Ensayos de lingüística general*. Barcelona: Seix Barral, 1975.

_____. *Kindersprache, aphasia und allgemeine lautgesetze*. [S.l.]: Uppsala

Alquimist y Wiksell, 1941.

JUSCZYK, P. W. et al. A Precursor of language acquisition in young infants. *Cognition*, v. 29, p. 143-178, 1988.

MEHLER, J. et al. Discrimination de la langue maternelle par le nouveau-né. *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences de Paris*, Paris, v. 303, p. 637-40, 1987.